



Núcleo de
**Estudos
Raciais**
do Insper

Disparidades Salariais Raciais: O papel da educação privada, técnica e da Pós-Graduação

Racial Wage Gaps: The Role of Private Schooling, Technical Education and Graduate Degrees

Alysson Portella

Michael França

O texto completo em inglês está disponível [neste endereço](#).

Acesse a página do Núcleo de Estudos Raciais do Insper [clikando aqui](#).

Entre em contato conosco via estudosraciais@insper.edu.br.

Sumário Executivo

Mensagem principal

Este estudo investiga as disparidades salariais entre brancos e negros no Brasil. Os resultados mostram que, sem considerar outros fatores além da raça, os salários dos trabalhadores negros são em média 32% menores que os dos brancos. Essa diferença cai para 9% ao ajustar as diferenças raciais para considerar variáveis de educação e outros fatores relevantes, como ocupação, localização e tipo de contrato de trabalho. As disparidades são mais acentuadas nas extremidades da distribuição salarial. Entre os mais pobres, o salário mínimo reduz as disparidades, mas entre os mais ricos, a lacuna racial cresce significativamente, sugerindo discriminação e efeitos de teto de vidro. Através de um exercício de decomposição, nossa análise mostra que as diferenças salariais na base da distribuição de salários são mais explicadas por fatores geográficos e o tipo de contrato de trabalho, enquanto a educação e o tipo de ocupação explicam mais as disparidades no topo. Ter frequentado escola privada e obtido diplomas de pós-graduação explicam parte considerável das diferenças raciais no topo da distribuição salarial. O estudo destaca a importância de considerar a qualidade da educação, além dos anos de escolaridade tradicionalmente utilizados por estudos anteriores. Também reforça a importância de desigualdades regionais, do salário mínimo e da discriminação para determinar diferenças salariais entre brancos e negros.

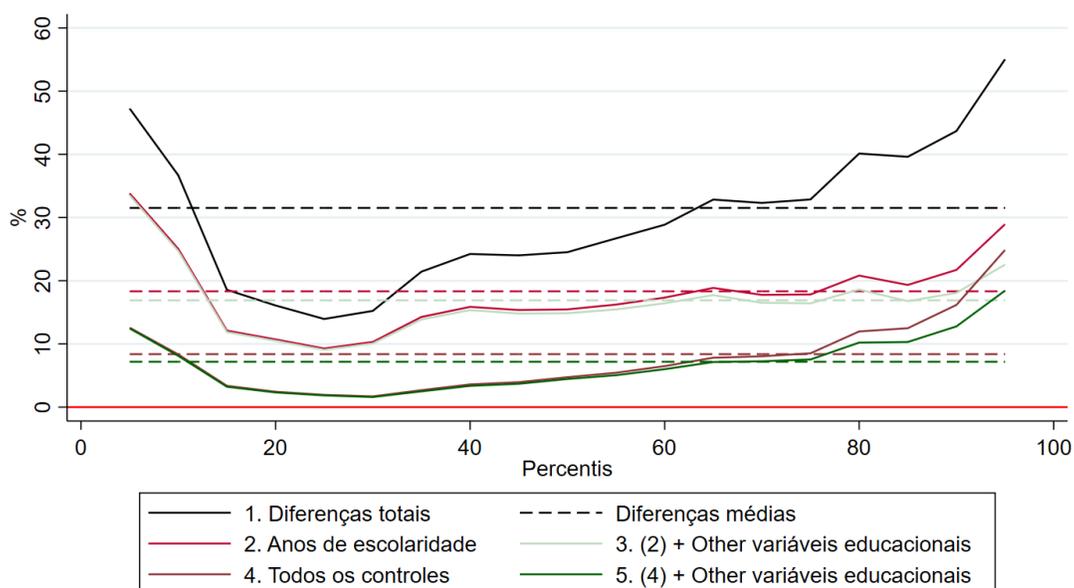
O estudo

As disparidades salariais entre grupos raciais são uma característica presente em todas as sociedades do continente americano. Embora não haja consenso sobre as fontes dessas desigualdades, o capital humano e as habilidades adquiridas são fatores cruciais para entender por que os rendimentos entre brancos e negros diferem. Nas últimas décadas, a importância das habilidades obtidas por meio da educação formal tem aumentado, refletindo desigualdades em rendimentos e outros resultados.

Usando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do IBGE, referentes ao segundo trimestre de 2018 e 2019, este estudo avalia como a educação afeta as disparidades salariais raciais, levando em conta tanto anos de escolaridade como aspectos qualitativos. Estes incluem se o ensino médio era público ou privado, se a educação foi técnica e se foi feito curso de pós-graduação.

Em média, brasileiros negros (pretos e pardos) recebem 32% a menos do que brasileiros brancos, um valor que reduz para 9% quando consideramos anos de escolaridade e um amplo conjunto de controles que incluem variáveis demográficas, localização, posição no trabalho, ocupação e indústria. As disparidades salariais ajustadas pela educação e outras características dos trabalhadores seguem um padrão semelhante, mostrado na Figura 1, abaixo.

Figura 1. Diferenças salariais entre brancos e negros ao longo da distribuição de renda, totais e ajustadas



Nota: Este gráfico mostra as penalidades salariais sofridas por trabalhadores negros em relação a brancos, em porcentagem. Quanto mais alto, maior a penalidade. As linhas tracejadas indicam diferenças na média, enquanto linhas sólidas indicam diferenças ao longo da distribuição de renda. Quanto mais para a direita, maiores as rendas do trabalho. As linhas pretas mostram as diferenças totais, sem ajustes. As coloridas indicam as variáveis usadas para ajustar as diferenças salariais: 2) anos de escolaridade apenas; 3) anos de escolaridade, escola privada, ensino técnico e cursos de pós-graduação; 4) Anos de escolaridade, gênero, estado civil, estado que reside, zona rural, anos de experiência, tipo de contrato de trabalho, tipo de ocupação e setor econômico; 5) todas as anteriores junto com escola privada, ensino técnico e cursos de pós-graduação.

Como este estudo inclui um conjunto de variáveis de educação além dos anos de escolaridade, é fundamental avaliar a importância relativa das variáveis aqui incluídas ao longo da distribuição de renda. Por exemplo, se espera que o ensino técnico tenha maior importância para o meio da distribuição, enquanto escolas privadas e cursos de pós-graduação podem ser mais importantes no topo.

As disparidades raciais na média escondem uma grande heterogeneidade observada ao longo da distribuição salarial. A diferença entre trabalhadores brancos e negros é grande abaixo do 20º percentil, ou seja, entre os 20% mais pobres. Nesse ponto, no entanto, o salário-mínimo parece reduzir significativamente a disparidade racial de salários. Após o 30º percentil, no meio da distribuição de renda quando o salário mínimo não é mais vinculativo, a lacuna racial aumenta continuamente até atingir 55% no 95º percentil, ou seja, entre os 5% mais ricos.

A informação de anos de escolaridade explica sozinha uma parte considerável das diferenças raciais, porém não sua totalidade. Quando incluímos um grande conjunto de variáveis de controle, boa parte das diferenças raciais é explicada abaixo do 20º percentil, e quase toda a disparidade racial é eliminada até o 40º percentil. Depois disso, a disparidade racial de salários ajustada começa a aumentar e se torna maior do que 10% após o 80º percentil, atingindo 26% quando incluímos todos os controles. O conjunto adicional de variáveis educacionais — escolas privadas, educação técnica e cursos de pós-graduação — ajuda a explicar diferenças raciais apenas entre trabalhadores com salários muito altos. No topo da distribuição, elas ajudam a explicar 8 pontos percentuais das diferenças entre brancos e negros, com as diferenças entre brancos e negros caindo de 26% para 18% no percentil 95.

Os resultados de um exercício de decomposição mostram como diferentes fatores contribuem para as disparidades raciais ao longo da distribuição de rendimentos. Esses resultados são ilustrados na Figura 2, que mostra a proporção da diferença total explicada por cada conjunto de variáveis. Em média, local de residência e anos de escolaridade são os principais fatores e explicam, cada um, 23% das diferenças entre brancos e negros. Tipo de ocupação ou cargo (13%) e contrato de trabalho (8%) também explicam uma parte considerável das diferenças médias. Ter frequentado escola privada e cursos de pós-graduação explicam cerca de 8% das diferenças salariais de brancos e negros. Outros fatores ajudam a reduzir as desigualdades marginalmente. Em média, excluindo erros de reponderação estatísticos, fatores não observados — comumente ligados à discriminação racial — correspondem a 22% das diferenças salariais médias de branco e negros.

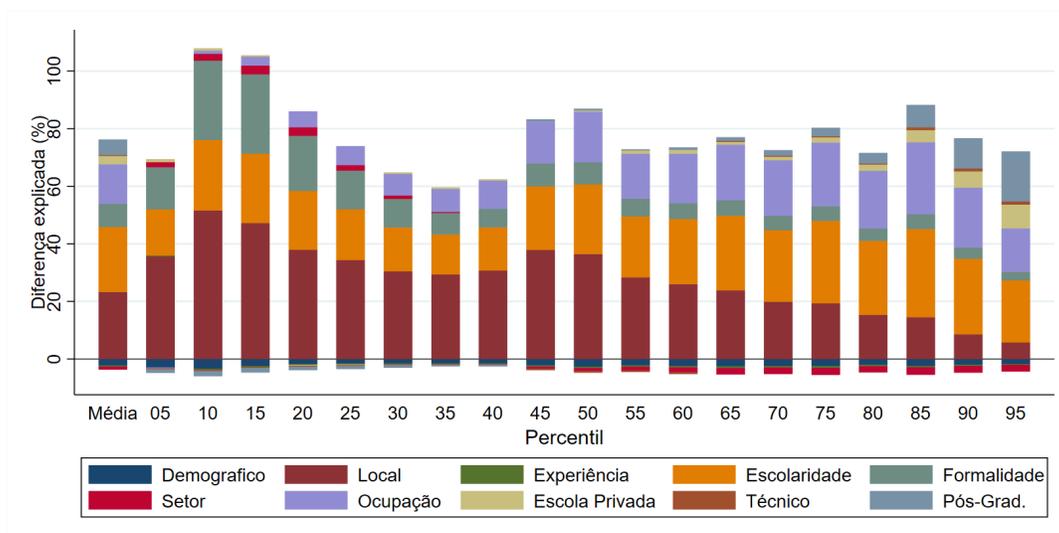
Na base, a localização e o tipo de contrato no trabalho (principalmente se os trabalhadores têm um contrato formal) são as variáveis mais importantes que explicam as diferenças observadas entre trabalhadores brancos e negros, seguidas por diferenças nos anos de escolaridade.

Entre o 25º e o 45º percentil, a lacuna racial total é pequena, principalmente por causa do salário mínimo (Figura 1). Depois disso, as diferenças começam a crescer novamente, e essa disparidade é em grande parte igualmente explicada pela localização, escolaridade, posição no trabalho e ocupação.

Após o 75º percentil, as diferenças na escolaridade se tornam o fator mais importante, seguidas pelas diferenças no tipo de ocupação. É a partir deste ponto que observamos o aumento da importância do ensino médio privado e dos diplomas de pós-graduação para explicar diferenças salariais, enquanto o componente não explicado também se torna significativo. As diferenças na educação técnica explicam pouco da disparidade racial de salários. No topo da distribuição,

escolas privadas e cursos de pós-graduação são juntos os fatores mais importantes para explicar diferenças raciais.

Figura 2. Proporção das diferenças salariais explicadas por cada um dos fatores ao longo da distribuição de renda.



Nota: Este gráfico mostra quanto cada conjunto de variáveis explica as diferenças salariais entre brancos e negros, na média e ao longo da distribuição de renda. As barras podem superar 100% pois outros fatores atuam no sentido contrário.

Outros dois exercícios são realizados para avaliar em que medida a intersecção de raça e gênero afetam os resultados e se há diferenças entre pretos e pardos. Com relação ao gênero, vemos que as diferenças raciais entre homens e mulheres são similares. No entanto, esse resultado esconde algumas heterogeneidade ao longo da distribuição de renda, com diferenças maiores entre homens no topo da distribuição, reforçando a ideia de que postos de trabalho no topo da hierarquia são reservados para homens brancos. Os fatores que explicam as diferenças também variam um pouco entre os gêneros, com escolaridade tendo um papel maior entre homens e tipo de ocupação e contrato de trabalho maior entre mulheres.

As diferenças entre pretos e pardos são pequenas e favorecem pretos, especialmente na base da distribuição de renda. Porém, ao incluir diversas variáveis para ajustar essas diferenças, os salários dos pardos passam a ser marginalmente maiores que de pretos. Isso corrobora parcialmente algumas descobertas recentes sobre o gradiente de desvantagem da cor, mas destacando que essas diferenças são mínimas, como sugerido pela literatura anterior sobre raça no Brasil.

Em resumo, o estudo mostra como as lacunas raciais variam ao longo da distribuição salarial, com diferenças moderadas na base, pequenas e em sua maior parte explicadas no meio, e lacunas grandes e em sua maior parte não explicadas no topo.

Os resultados conversam com a literatura que encontra disparidades significativas e não explicadas para os trabalhadores negros no topo da distribuição de salários no Brasil, sugerindo discriminação e efeitos de teto de vidro. Curiosamente, esses resultados contrastam com os resultados nos Estados Unidos, onde as diferenças raciais são menores entre os trabalhadores altamente qualificados.